

## **Produção de texto nas aulas de História: um saber fazer necessário**

SÉRGIO ONOFRE SEIXAS DE ARAÚJO\*

REGINA LÚCIA BUARQUE DA SILVA\*\*

**Resumo:** Sabemos que levar o aluno a formular e produzir textos tem sido uma das mais árduas e conflituosas tarefas do professor. Segundo Fávero (2007) “Formular um texto não é só planejá-lo, mas realizá-lo [...]. Formular é efetivar atividades que estruturam e organizam os enunciados de um texto, e o esforço que o locutor faz para produzi-los se manifesta por traços que deixa em seu discurso”. Neste trabalho buscamos refletir sobre dificuldades apresentadas por alunos do Ensino Fundamental quando se trata de produzir textos a partir de um tema estudado nas aulas de história. Tais dificuldades são relatadas a partir da experiência dessa situação por um professor de História de uma escola pública da rede estadual de ensino, localizada em Maceió e possibilitaram um trabalho interdisciplinar entre as áreas de Língua Portuguesa e História.

**Palavras Chave:** Interdisciplinaridade, produção de texto, ensino de história, condições de produção.

### **Introdução**

Segundo Maingueneau (1989) “todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos” (p. 120). Nesta perspectiva, a fala de todo sujeito é perpassada, atravessada por outros dizeres, de outros lugares e outros sujeitos. O discurso, expresso oralmente ou através da escrita, remete ao lugar e ao objetivo com que ele produz tal dizer. A partir desta concepção analisaremos como este fato se materializa nos discursos de alunos do ensino fundamental no momento de produzirem textos.

O corpus analisado constitui-se de uma produção textual de dois alunos de uma 7ª série do ensino fundamental<sup>1</sup> da rede pública estadual de ensino de Maceió, realizada

---

\* É professor da Unidade de Ensino Penedo / Campus Arapiraca / Universidade Federal de Alagoas – UFAL. É graduado em História (UFAL), Mestre em Serviço Social (UFPE), atualmente no exercício da presidência da Associação Nacional de História, Seção Alagoas.

\*\* Graduada em Letras, Mestre em Educação Brasileira na linha Educação e Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

com a metodologia de escritura em 1ª e 2ª versões, compondo quatro textos, nos quais analisaremos como as condições de produção interferem nos textos produzidos por esses alunos.

### **As condições de produção do texto**

Os dizeres de um discurso, materializado no texto, não são meras palavras, frases, que são concebidas aleatoriamente, ao acaso a partir do nada e independentes das condições em que foram produzidos. Ao contrário, conforme Orlandi (2007) “São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz”. Portanto, todo dizer está intrinsecamente ligado à sua exterioridade, às suas condições de produção.

As condições de produção do texto não devem ser analisadas apenas no contexto estrito, empírico, mas, e principalmente em seu contexto amplo, lato, onde os discursos dos sujeitos possam estar relacionados a determinados lugares que estes sujeitos representam na estrutura social. É a partir dos lugares em que os sujeitos estão situados, de que posição e em que condições seus discursos são produzidos, que resultará o que irão dizer, produzir, reproduzir ou apropriar-se do já-dito e transformá-lo em dizeres significativos, a partir da visão de mundo dos sujeitos, envolvidos no processo de produção de textos e de sentidos.

Desta forma, corroboramos com Cavalcante (2007) Apud Bakhtin (1981), ao afirmar que “os sentidos do discurso são determinados, pela situação social imediata que, por sua vez, resulta do meio social mais amplo” (p. 38).

### **Os efeitos do “já-dito” no processo de produção textual**

Como citamos na introdução deste texto, todo discurso é atravessado por outros dizeres, produzidos em outras épocas, em outros lugares, com os mesmos e ou

---

<sup>1</sup> Optamos por manter a nomenclatura de organização por séries uma vez que era a utilizada no ano em que a proposta de produção foi realizada.

diferentes efeitos de sentido. O já-dito que se materializa na fala do outro, que a reproduz ou ressignifica-o, como se fosse seu proprietário; processo esse, que muitas vezes, dá-se de forma inconsciente, onde o sujeito apropria-se de dizeres pré-construídos e os prefere como se estivessem sendo ditos pela primeira vez, como se fossem novos dizeres, criando no sujeito, a falsa impressão de *autoria*<sup>2</sup> de seus discursos.

Cavalcante, (2007) afirma que: “o discurso não nasce da vontade repentina de um enunciador, mas de um trabalho sobre outros discursos que ele repete ou modifica”.

A autora enfatiza ainda que o já-dito é:

[...] o espaço da alteridade discursiva, a possibilidade de fazer circular em novos discursos, formulações já enunciadas anteriormente, numa outra conjuntura dada, transmitida de geração em geração e reguladas pelas instituições [...] produzindo diferentes efeitos (de ratificação, de redefinição, de ruptura, de negação) do “já-dito” (p.49).

É a partir destas considerações que passaremos a analisar agora as produções textuais dos alunos de que forma as condições de produção em que cada texto foi construído e serviram de interferências, que atravessaram os sujeitos (alunos envolvidos no processo) fazendo-os ressignificar esse “já-dito”, dando-lhes outro sentido.

### **Situando o corpus**

Serão analisados trechos<sup>3</sup> de quatro textos produzidos por dois alunos de uma 7ª série de uma escola pública da rede estadual de ensino. Cada aluno produziu dois textos em condições, contextos diferentes e em duas versões.

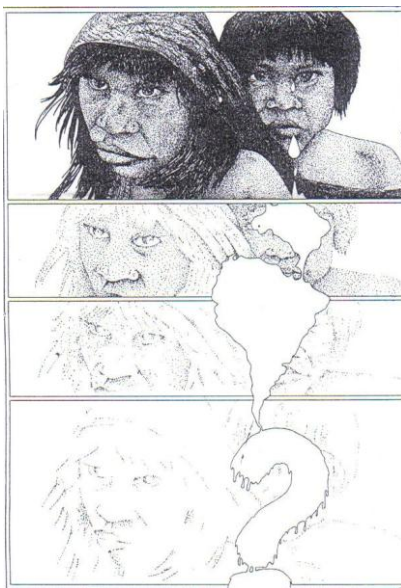
No primeiro momento os alunos produziram, por solicitação do professor de história, um texto sobre o índio brasileiro, tendo como referencial apenas uma gravura xerocopiada de um livro didático de Língua Portuguesa e distribuída para todos os alunos.

---

<sup>2</sup> Sobre o conceito de autoria ver Dantas – 2007 (Pág – 97)

<sup>3</sup> Optamos por trechos dos textos pelo fato dos mesmos serem muito extensos o que impossibilitaria a análise neste momento.

Figura 1



FONTE: Linguagem Nova, Faraco e Moura, Editora Ática, 2001.

Após recolher a 1ª versão dos manuscritos dos alunos, o professor comentou com a professora de Língua Portuguesa que os alunos “não tinham ideias para escrever” os textos, que “não pareciam textos escritos por alunos de uma 7ª série”. O professor solicitou, então, a colaboração da colega.

No segundo momento, cinco dias depois, os mesmos alunos produziram um texto com a mesma temática. Neste espaço de tempo, foram expostos a novas condições de produção, ofertadas, alternadamente pelos professores de História e Língua Portuguesa, a saber:

Exibição e discussão do filme “Brava gente brasileira” dirigido por Lucia Murat (BRASIL, 2000), o filme nos mostra o choque entre duas culturas. O ano é 1778 e é ambientado na região do Pantanal Matogrossense. É o confronto entre o português colonizador contra o povo indígena e sua resistência.

Leitura e discussão do poema “O grito da Terra” (MOURA, 1988) a respeito do índio;

E, por fim, contato interativo com um grupo indígena que esteve na escola para apresentações culturais e discussões com os alunos. O encontro com representantes de dois grupos étnicos os Geripankós e Kalankós, acampados a época na sede FUNAI, mobilizados em torno de seu reconhecimento enquanto grupo indígena. O contato

inicial foi feito pelos professores que convidaram esses grupos para uma visita a escola para participar de um debate com os estudantes.

### **Primeiro Momento de Produção**

#### **Texto 1**

Os índios viviam **tranquilos, caçando, pescando, viviam em tribos** e suas casas eram chamadas ocas. Até que certa vez os homens brancos **descobriram** o Brasil e **tentaram expulsar** os índios de suas aldeias. Os indiozinhos sofreram muito por verem os seus pais serem massacrados por homens brancos.

Eles devem respeitar os índios e não recriará-los apenas por serem **selvagens**.

Júlia (Aluna da 7ª série)

#### **Texto 2**

O índio nasce sorrindo  
O índio cresce amando  
O índio **vive feliz**  
**Em sua terra cultivando**  
O índio **canta**, o índio **dança**  
Pinta o **rosto e o corpo**  
**e a todos encanta.**

Flávio (Aluno da 7ª série)

Nesses primeiros textos, vemos uma visão romantizada e idealizada dos primeiros habitantes da Terra Brasilis, figuras que parecem ter congelado no tempo alheia as mudanças ocorridas ao longo dos séculos na sociedade. Imagem essa que não traz nenhuma correspondência com os grupos indígenas remanescentes, especialmente aqueles do nordeste brasileiro, região onde a pesquisa se deu. Podemos perceber assim os efeitos do “já-dito” em palavras como: tranquilos, caçando, pescando, descobriram, selvagens, canta, dança, pinta o rosto e o corpo, encanta; referências atribuídas aos

povos indígenas na maioria dos livros didáticos de História do Brasil e/ou ao discurso que emana nas aulas de História com um direcionamento mais tradicional.

Temos, nesse caso, a *ratificação* do discurso do outro, aqui reproduzido de forma inconsciente, a partir, conforme Pêcheux (1993) das condições estritas, imediatas, no caso em questão, a gravura apresentada aos alunos que, tendo-a como único referente e recorrendo ao conjunto de conceitos já produzidos e que, em alguns momentos recorreremos, assumem em seus textos o discurso do outro, possivelmente os livros didáticos de História ou falas de professores, reproduzindo-o, sem refletirem sobre o mesmo ou ressignificá-lo.

## Segundo Momento de Produção

### Texto 1:

Onde estão os índios?

No começo estavam por toda parte, sobrevivendo de uma forma linda, todos unidos, cultivando seus costumes. Nunca, nenhum índio jamais matou outro que não conhecia para roubá-lo, pois eles **não eram** bandidos, marginais, e principalmente **selvagens**, como são conhecidos. Porém, muitos ditos “civilizados” são verdadeiros selvagens, pois invadem terras dos índios, matam pessoas que nem sequer conhecem, muitas vezes sem motivo algum.

Hoje em dia os índios estão escassos, já não são mais os mesmos, **foram obrigados a se desviar de seus costumes** para poder “sobreviver”. Mas ninguém vive bem tendo que se adaptar a costumes que não são seus.

Onde está a **consciência** desses “civilizados”, **preconceituosos** que não respeitam uma cultura diferente da sua? Eu acho que esteja nos poucos índios que ainda existem.

Júlia (Aluna da 7ª série)

**Texto 2:**

Indígenas: uma raça sofrida

A tristeza na face  
Quer me dizer,  
Tentar explicar, demonstrar e ou mesmo calar.

Calar o quê?

Uma lágrima caiu.

**Sufrimento.**

Chorar por quê?

No peito sentia

A **dor** de ver

Toda uma vida

Aos poucos sendo destruídas.

Suas **terras**, riqueza

Sendo **invadidas**.

Era mais que tristeza

O que eles sentiam.

Hoje, após ouvi-los falar

Eu posso entender todo seu sofrimento.

E a maior decepção

Ainda sofrem com o **preconceito**,

Com a desunião e com a **ignorância** do **homem**

**branco**

POR QUÊ?

Flávio (Aluno da 7ª série)

Nesse segundo processo de escrita, no qual os alunos já haviam sido inseridos em outros contextos, ouvido outras “vozes”, expostos a outras condições de produção, além do contexto estrito, das condições imediatas (gravuras, leitura de poema e exibição do filme), absorveram também o contexto “lato”, as condições histórico-sociais,

possibilitada pelo contato/debate interativo com o grupo indígena.<sup>4</sup> Este mostrou-se um importante momento de surpresas e novas descobertas. Expresso nas expressões de estranhamento dos alunos ao verem um grupo de homens e mulheres comuns negro, mulatos, a gente simples do interior, vestidos com as “roupas do homem branco” e ornamentados de cocares, saias e braceletes de penas e palhas. O quadro aqui descrito foi traduzido na primeira pergunta dirigida ao grupo por um aluno: “Vocês são índios de verdade?” Tal indagação deu o tom do debate centrado no estereótipo do índio selvagem, sem roupas, sem acesso a tecnologia e vivendo isolado no mato. Desta forma, os alunos tiveram a oportunidade de transitar por um outro dizer, dito de um outro lugar (do índio, oprimido, destituído de seus direitos), que lhes fez produzirem outros efeitos de sentido, através da *ruptura* e da *negação* de alguns dizeres presentes nas produções anteriores, como veremos a seguir:

Tabela 1 : Textos de Júlia: 1ª versão x 2ª versão

<b>Textos de Júlia<sup>5</sup></b>	
<b>1ª Versão</b>	<b>2ª Versão</b>
Descobriram Viviam Tranqüilos Maus Selvagens	Invadem Sobreviver Preconceituosos Não eram selvagens

Tabela 2: textos de Flávio: 1ª versão x 2ª versão

<b>Textos de Flávio</b>	
<b>1ª Versão</b>	<b>2ª Versão</b>
Sorrindo Feliz Terra Cultivando A todos encanta	Sufrimento Dor Vida Destruída Sofrem com o preconceito

Como podemos perceber neste segundo processo de produção houve a ruptura de alguns dizeres pré-construídos, nos quais o “já-dito” não foi *ratificado*, mas *ressignificado*, *redefinido*; conforme Cavalcante (2007) o sujeito, se inscrevendo no “já-

<sup>4</sup> Possibilitado pela visita de uma representação dos Geripankós e Kalankós a escola.

<sup>5</sup> Para preservar a identidade dos alunos optamos por manter apenas o primeiro nome, omitindo seus sobrenomes.



dito”, ressignifica e se significa”. E foi nesse movimento entre o “pré-construído”, o “já-dito” instaurado nos sujeitos/alunos, ratificado nas primeiras produções textuais, foi ressignificado, através das interferências das condições de produção dos discursos, que atravessaram as referências anteriores que os alunos possuíam e fizeram emergir “novos dizeres” que, por sua vez, derivam de condições de produção específicas, que possibilitando ao sujeito **ressignificar** seu dizer.

Conforme Dantas (2007) os sistemas culturais não se caracterizam como um bloco homogêneo, mas como uma região suscetível de conflitos, indefinições e transformações. Transitando por diversas regiões (aluno-professor-autor de livro didático-índio) os alunos envolvidos no processo de produção textual ressignificaram seus dizeres. O branco descobridor, visto e tido como herói durante muitos tempo, passou a ser o invasor. O índio visto como bom selvagem, que caça, dança e sorri, foi redescoberto, ressignificado como quem sofre, luta e chora pelas mãos do branco sem consciência, ignorante, preconceituoso e, ele sim, dotado de atos selvagens. Desta forma, percebemos o “já-dito”, materializado aqui, como condição essencial a todo dizer, que segundo Orlandi (2007, p. 32) “não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas nossas palavras”. O “já-dito”, nas produções dos alunos, foi incorporado a novos significados, produzindo novos efeitos de sentido, “atravessado” por outros sentidos, a partir das condições de produção a que os sujeitos/alunos foram expostos, uma vez que, conforme Cavalcante (2007, p. 38): “as condições de produção do discurso compreendem, fundamentalmente, os sujeitos falantes em constante relação com a cultura, com a sociedade e com a economia de um determinado momento histórico. Nessa interrelação os sujeitos assumem posições em relação a determinadas formações ideológicas e discursivas”.

### **Considerações Finais**

Nas práticas de textualização, nenhum dizer é inédito, pois todo discurso nasce do trabalho sobre outros discursos. No entanto, também é possível “descolar-se da fala do outro” (LEMOS, 1995) e ressignificá-la, dando-lhe outros significados. Desse modo,

cabe ao professor de História criar situações favoráveis para que os alunos comparem as informações contidas em diferentes fontes bibliográficas, documentais, imagéticas e ou orais, fontes que expressem diferentes perspectivas e, portanto, possam contribuir para ampliar suas compreensões e opiniões sobre os fatos, questões e assuntos analisados, levando-os a necessidade de investigarem outras possibilidades de explicação. É este movimento que constitui e faz-se necessário na formação dos discursos/dizeres de alunos leitores e produtores de textos.

Assim, podemos concluir que, mesmo reproduzindo discursos e dizeres pré-estabelecidos em seus textos, os alunos de História têm condições de redimensionar estes dizeres, analisando-os, refletindo sobre os mesmos e ressignificando-os; faz-se necessário perpetrar a prática de produção textual no ambiente escolar em um momento de incursão de sujeitos que lhes possibilite dar outros efeitos de sentido ao “já dito”, nos quais o(s) discurso(s) do “outro” não sejam reproduzidos sem que se analise suas condições de produção, de que lugar, com que intenção e por quem foram proferidos. De acordo com os Parâmetros Curriculares de História (PCN)

cabe ao professor criar situações instigantes para que os alunos comparem as informações contidas em diferentes fontes bibliográficas e documentais, expressem as suas próprias compreensões e opiniões sobre os assuntos e investiguem outras possibilidades de explicação para os acontecimentos estudados (BRASIL, 1997, p. 45).

Portanto, cabe à escola inserir o aluno nesse contexto em que a sala de aula e o ambiente escolar não seja apenas um espaço de reprodução, mas e principalmente, um espaço de transformação de sentidos e de sujeitos, pois, conforme Cardoso (2003, p. 53), “o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro, numa relação dinâmica entre *alteridade* e *identidade* [grifos nosso].” Interação essa, que se efetivará quando professores e alunos forem concebidos como sujeitos inseridos numa mesma realidade (contexto escolar) que lhes permite fazer do pré-estabelecido, do “já-dito” instrumentos de reflexão e transformação de conceitos e valores.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. Discurso e ensino, 2 ed., Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. Qualidade e cidadania nas reformas da educação brasileira: O simulacro de um discurso modernizador. Maceió: Edufal, 2007.

DANTAS, Aloísio de Medeiros Sobressaltos do Discurso - Algumas aproximações da Análise do discurso. Campina Grande: EDUFPG, 2007.

LEMOS, C. T. G. (1992) “**Os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança**”. In: *Substratum: temas fundamentais em Psicologia e Educação*. vol.1, n.3. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

\_\_\_\_\_. (1997) “**Processos Metafóricos e Metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição de língua materna**”. (Trabalho apresentado no *Trenton Lectures and Workshop on Metaphora and Analogy*, organizada pelo Instituto per la Richerca Scientifica e Tecnologica italiano em Povo, Trenton, 18 a 21 de junho de 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. Os termos chave da análise do discurso. Lisboa: Gradiva, 1997.

NEVES, Margarida de S. **O bordado de um tempo (A História na estória de Esaú e Jacó)**, Revista Tempo Brasileiro, RJ, nº 81, p. 32-42, abril a junho de 1985

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso- Princípios e procedimentos. 7ª edição, Campinas, SP, 2007.